

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Jornal de Hoje

Class.: 026

Data: 03/03/88

Pg.: _____



Pedro Marizê, dol. da Funai

Delegado garante que fica na Funai apesar da revolta

Garantindo que não há a menor possibilidade de deixar o cargo que ocupa hoje, o delegado regional da Fundação Nacional do Índio-FUNAI, Pedro Marizê, remanescente guajajara foi mais além, disse que o pequeno grupo, cerca de cinco índios Guajajara, que pretendiam tirá-lo das suas funções tende a esvaziar, uma vez que eles não representam a comunidade indígena. "Não há o que conversar, o que eu decidi está decidido e daqui para frente a minha postura será de ignorar a estada dos Guajajara", advertiu Pedro Marizê.

Ao contrário do que falou o ex-chefe de posto de Bacurizinho-Grajaú, João Madruga, hoje não chegou nenhum grupo de índio, segundo o delegado Regional da Funai, tanto que na sede do órgão permanecia apenas uma rede, um leve sinal da passagem dos Guajajara. A vinda de mais índios de suas tribos não é bem aceita por Marizê, que afirmou ter recebido notícias que um grupo de mais de 100 estavam prontos para vir a São Luís, com o propósito de apoiá-lo, porém a idéia foi suspensa com um telefonema.

A causa da chegada dos Guajajara a São Luís é a atual situação em que se encontra os indígenas em todo o Estado jogados à sorte pelo menos é o que alega Madruga, lá que se sente injustiçado e enganado por Marizê, que para ele não cumpriu o prometido ao tomar posse, há quatro anos. Em contrapartida, o delegado regional é bastante reticente e explica que Madruga foi o responsável pela sua demissão, pois tem um comportamento violento, tanto que agrediu o Guajajara Davi Mendes, da mesma área de jurisdição dele por terem

Marizê reage e ignora os Guajajaras

Descartando qualquer possibilidade de diálogo com os índios Guajajara, o administrador regional da Delegacia da Funai no Maranhão, Pedro Marizê, garantiu, ontem, a impossibilidade de deixar o cargo. Os ocupantes da Funai alegam o não cumprimento das promessas por parte de Marizê, deixando toda a comunidade indígena abandonada, passando as maiores privações. Já o administrador, remanescente Guajajara, admite as dificuldades, mas atribui como sendo uma situação nacional. Os índios ocupantes têm recebido orientação de João Madruga, ex-chefe do posto de Bacurizinho, que se diz enganado por Marizê. (PÁGINA 5)

idéias contrárias sobre a administração Pedro Marizê.

Davi resumiu a atitude de Madruga como um repressor, havendo inclusive índios que se submetem às suas ameaças, e para quem se rebelar a violência está assegurada, como foi seu caso. Até maio a orçamentária da Funai está calculada em 980 mil cruzados, conforme esclareceu Marizê, informando que pouco se pode fazer, embora haja outros recursos como o da Assistência às Comunidades Indígenas, ASCOI, que é destinado à manutenção da Casa do Índio e de postos, que até julho é de dois milhões e 50 mil cruzados e também recursos dos convênios. Contudo estes recursos são pouco levando-se em consideração que há cerca de três mil índios a serem assistidos.